EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SECULO — N.º 153 — LISBOA, 25 DE JANEIRO DE 1909

Illustração Portugueza

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha
Anno ..... 4$800
Semestre ..... 2$400
Trimestre ..... 1$200

Assignatura conjuncta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portugueza
PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA
Anno ..... 8$000
Semestre ..... 4$000
Trimestre ..... 2$000
Mez (em Lisboa) 700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43

Summario

Capa: BUSTO, DO PROFESSOR SIMÕES D'ALMEIDA *(Cliché da phot. Vasques)* **Texto:** COMO ES TUDAM AS NOSSAS PIANISTAS, *7 ilustr.* ◆ EL-REI NO MAR, *5 illustr.* ◆ COMO EU ATRAVESSE A RUA DO OUVIDOR, *13 illustr.* ◆ O QUE RESTA DE MESSINA, *4 illustr.* ◆ MODAS, *4 illustr* ◆ UM THEATRO QUE ABATE, *1 illustr.* ◆ COMO LISBOA RESISTE AO PROGRESSO, *6 illustr.* ◆ SEDUCÇÃO DE LISBOA, *14 illustr.* ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

Hypnotismo

A SCIENCIA DA PROSPERIDADE

Leitor: já tens reparado como certas pessoas são felizes? como de tudo o que essas pessoas emprehendem tiram magnificos resultados financeiros? como adquirem riquezas, posição social, influencia, sem parecerem esforçar-se? Taes pessoas teem muitos amigos, são muito respeitadas e consideradas, são desejadas nas reuniões mundanas, emfim, sem o pedir, recebem todas as homenagens. Sabes porque?

A fonte da prosperidade.

Não é consequencia do trabalho pesado, pois o pobre trabalha mais que o rico. Não é por causa do seu nascimento, pois a maior parte dos homens abastados tiveram paes pobres. Não é por acaso, porque muitos homens de sorte morreram sem amigos e na miseria. Eis a razão: O segredo da prosperidade está na influencia pessoal; é a habilidade de obrigar os outros a pensar como nós, captivar a sua confiança e amisade obrigando-os a auxiliar-nos. E' uma força occulta, pela qual nos podemos tornar irresistiveis, que nos permitte remover todos os obstaculos, agradar e fascinar a qualquer pessoa, curar todas as molestias conhecidas, os maus habitos, sem drogas, nem medicos, nem bisturi. Esta Força chama-se Magnetismo individual ou Hypnotismo. E' a base d'um bom exito de todo o negocio, de todo o emprehendimento.

Força dada por Deus.

E' a herança que Deus dá, tanto aos pobres como aos ricos. E' realmente o assombro do seculo. Considerem a vantagem de poder convencer um homem que as nossas mercadorias são as melhores da praça; que os nossos serviços são inestimaveis; demonstrar-lhe que estamos offerecendo um bom emprego para o seu capital; convencel-o de que precisa de mercadorias que desejamos vender; que a nossa opinião é a melhor; induzil-o a seguir os nossos conselhos; e milhares de cousas mais. Se desejam uma posição lucrativa, se desejam obter augmento de ordenado, ou mesmo augmentar as suas rendas, a Sciencia do Hypnotismo ser-lhes-ha muitissimo valiosa. Em centenas de casos, o conhecimento do Hypnotismo foi o balsamo que remediou a vida de pessoas para as quaes o futuro parecia desesperado.

Leitura gratuita em casa.

Publicamos o livro mais notavel do seculo, o qual explica tudo o que se refere ao Hypnotismo, ao Magnetismo individual, á medicina magnetica, etc., em linguagem tão simples, que está ao alcance mesmo de uma creança. Este livro é obra do illustre medico X. La Motte Sage, A. M., Ph. D., L. L. D. o mais reputado hypnotisador do nosso tempo. N'elle se ensinam os meios secretos e instantaneos que habilitam qualquer pessoa intelligente a aprender em sua casa, em poucos dias, a usar essa Força sobre os seus amigos e sua familia, sem que ninguem o possa adivinhar. Garantimos o successo e estamos promptos a perder 1.000 dollars em ouro, no caso contrario. Quantas pessoas ganham hoje de 2.000 a 5.000 libras por anno com o que aprenderam n'esse livro notavel? e quantas adquiriram uma immensa fortuna?

Um livro cheio de segredos importantes dado de graça.

O doutor Sage vendeu os seus direitos de auctor, com a condição de que 10.000 exemplares fossem distribuidos gratuitamente, o que agora se está cumprindo. Qualquer pessoa pode obter um exemplar gratuito, mandando um simples bilhete postal com o seu nome e endereço ao

NEW YORK INSTITUTE OF SCIENCE,

DEPT.° **1518** ROCHESTER. N. Y. U. S. A.

O porte das cartas para a America é de 50 reis. Os bilhetes postaes são de 30 reis.

O doutor Sage auctor d'este livro raro, entende que todos, tanto pobres como ricos, pódem conhecer segredos mysteriosos, guardados religiosamente durante muitos annos.

«Este tratado vale mais do que o ouro. Está repleto de segredos extraordinarios e de assombrosas surprezas. Depois do da Santa Biblia, o seu estudo é o mais util. Aconselho a todos a pedirem um exemplar d'elle.»

Rev. PAUL WELLER. Gorham, N. Y.

Companhia
DO
Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Proprietaria das fabricas de Prado, Marianaia e Soreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha).

Escriptorios e depositos

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276
PORTO — 49, R. de Passos Manuel, 51

Ender. telegr.: *Lisboa, Companhia Prado. Porto — Lisboa.* N. telephon. 608

Os Agentes em Portugal
REEMBOLSAM o DINHEIRO
a quem não tiver tirado resultado
na **BRONCHITE**
TOSSE, ASTHMA
TISIS PULMONAR
empregando o
XAROPE FAMEL
PARIS
86, Rue de la Réunion
PREÇO: 800 REIS
Franco de porte em todo Portugal para 2 frascos.

DEPOSITO GERAL: 19, Rua do Arco a Jesus, LISBOA

COMPREM AS
Sedas Suissas

Peçam as amostras das nossas SEDAS NOVIDADES em preto, branco ou côr, de fr. 1,20 a fr. 18,50 o metro. Especialidades: *Messaline, Crêne de chine, Taffetas chiffon,* etc. *para toilettes de passeio, de casamento, de baile e de soirée,* assim como *para blusas,* forros, etc. *Blusas e vestidos de cambraia e seda bordada.*

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas *directamente aos consumidores* e *francas de porte a domicilio.*

SCHWEIZER & C.°
Lucerne E 11. (Suissa)
Exportação de sedas

J. CASTELLO BRANCO

Bicycletas

Marca ingleza, as mais solidas e elegantes desde ***22$500 rs.*** bicycletas ***Simplex, Humber, B. S. A.*** ultimos modelos. bicycletas inglezas ***Radford,*** modelo especialmente feito para a nossa casa, muito solida, propria para aluguel, com quadro reforçado, aros nickelados, roda livre, guarda mas e 2 travões, preço ***32$000 reis.*** Enorme sortimento de accessorios taes como protectores Continental, Dunlop, Conventry, Camaras d'ar, Buzinas, Lanternas, Rodas livres, etc., etc., tudo a preços baratissimos. ***GRANDE DEPOSITO*** das melhores machinas falantes e discos ***Simplex*** dos quaes acabamos de receber lindissimas collecções. ***Casa SIMPLEX Bicycletas, Discos e Machinas fallantes. J. CASTELLO BRANCO, Rua da Saccorro, 48 e Rua do Santo Antão, 32 e 34 — LISBOA.***

Meio seculo de successo
ESTOMAGO
O Elixir do Dr Mialhe
de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.
A'venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris

COMO ESTUDAM OS NOSSOS PIANISTAS

A illustre pianista D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, na sua sala de musica

E' sempre com o maior prazer que tratamos de qualquer assumpto que se ligue com a divina arte, com esse maravilhoso resultado da combinação dos sons, tão maravilhoso e tão bello, que até o proprio Alphonse Karr lhe chamou «o mais agradavel dos barulhos.»

Como estudam as nossas pianistas?

E' o que vamos tentar dizer. Seria necessario mais espaço para falarmos de todas as que occupam um logar proeminente. E assim, o nosso desejo sincero limita-se a occuparmo-nos de algumas das primeiras pianistas portuguezas.

♣

D. Virginia Baptista recebeu-me n'um cair de tarde suave e um pouco frio, na sua sala da rua da Quintinha, esse confortavel *interior* de artista.

Acha completamente errada a lenda de que os portuguezes são avessos á musica boa. Não lhes falta temperamento, nem capacidade, mas simples orientação e educação. O portuguez do povo nunca ouve boa musica porque essa é paga e cara, reservada só para os amadores remediados, que mesmo assim algumas vezes fazem sacrificios para a ouvir. Só os ricos a ouvem por moda... e por luxo. Para o povo ficam as revistas, as terriveis revistas de theatros baratos, as bandas regimentaes e as philarmonicas. «Admirem-se depois que impere o *balance* e o maxixe.»

A illustre pianista trabalha no meio de constantes affazeres e preoccupações e por isso não tem horas certas para estudar. O seu estudo é feito quasi sempre de noite. Só n'essa occasião é que póde concen-

trar o espirito. «Geralmente deixo esse doce labutar para a noite, hora em que estou mais socegada e em que sempre gostei mais de tocar. Outra hora encantadora, mas que nem sempre posso approveitar, é ao cahir da tarde, na penumbra crepuscular, sem consentir que se accenda um candieiro. Basta-me entrevêr o teclado e assim seria capaz de tocar horas, de memoria...»

A conversa inclina-se depois para os seus auctores favoritos e pergunto qual é o predilecto. «Qual é o meu auctor predilecto? E' difficil dizel-o, tão admiraveis são todos os classicos. Beethoven assombra-me, Chopin deliciame, Mozart seduz-me, mas confesso que acho um encanto especial em Schumann, romantico, fogoso, dramatico, delicado, alegre, animado e tambem... muito complicado.»

D. Esther Campos, a eximia concertista

Tem entre mãos uma grande phantasia d'este auctor, dedicada a Liszt, a sonata de Beethoven, *Les Adieux* (op. 81) e para *descançar* uns nocturnos de Chopin, algumas peças de Rameau e de Scarlatti...

Anoitecia. E n'essa penumbra crepuscular, D. Virginia Baptista vibrou no piano as notas dramaticas, magestosas e delicadas d'uma phantasia de Schumann...

D. Adelia Heintz, a estimada professora do nosso Conservatorio, considera as da manhã as horas mais proveitosas para o estudo e assim o aconselha ás suas numerosas discipulas. «Acho util começar sempre pelas escalas, seguidas de alguns estudos no intuito de que os dedos de ambas as mãos tenham egual agilidade e firmeza. Esta egualdade de technica nas duas mãos considero-a condição indispensavel a todo o executante conscienciosо.» A tão conhecida pianista tem uma grande admiração por Beethoven.

«Se, como disse certo escriptor, Mozart é o *Rafael* da musica, Beethoven é o seu *Miguel Angelo*. E' sempre possuida d'uma commoção quasi religiosa que toco qualquer das sonatas do genial compositor de Bonn, o maior entre os grandes musicos.»

Toca indistinctamente musica de Bach, Mozart, Liszt, Schumann, Rubinstein, Mendelssohn... «Mas, talvez por uma disposição do meu temperamento artistico, devo confessar certa predilecção pelo polaco Chopin, o poeta do piano, e pelo norueguez Grieg. A musica de Chopin, ao passo que satisfaz todas as exigencias da arte, é tão repassada de melancolia que nos sensibilisa e commove as fibras mais intimas da nossa alma...»

E recordando Grieg em que tinha falado momentos antes: «Da originalidade das suas composições, que nas canções nacionaes encontrou os factores da sua inspiração, será desnecessario falar. A musica do notavel compositor norueguez, fallecido ha pouco, é sobejamente conhecida no nosso paiz.»

Mais uma vez tive occasião de

apreciar as excellentes qualidades de concertista que possue D. Adelia Heintz, interpretando deliciosamente o preludio em ré bemol maior, op. 28, de Chopin e um outro de Rachmaninoff.

D. Ernestina Freixo, a applaudida pianista que todos admiram, tem uma agradavel e interessantissima conversação, falando animadamente, com uma voz clara, vibrante, sonora...

E' excessivamente nervosa. «A impressão que sinto quando subo ao tablado é horrivel. Não vejo ninguem, parece-me que vou cahir tal é o meu nervoso. Só passados bastantes compassos é que estou mais animada. Em criança era completamente o contrario. Gostava immenso de tocar em publico. Não imagina como ia bem disposta. Agora é uma desgraça. O contrario!»

E respondendo logo á minha pergunta sobre os seus auctores predilectos: «Quasi que não se póde ter predilecções em classicos, como diz o grande Vianna da Motta. Em todo o caso Beethoven e Bach teem um logar á parte. Tudo quanto é de Beethoven assombra-me. Do segundo gosto immenso de todas as fugas e das tocatas. São maravilhosas.

No romantismo admiro e aprecio Schubert, Schumann, Chopin, Liszt, já um pouco mais moderno do que Chopin....

Dos modernos é difficil. Como escrevem pouco para piano, mas principalmente para orchestra e vozes, somos obrigadas a recorrer aos antigos. Em todo o caso aprecio bastante Brahms, Saint-Saëns, César Franck... Gosto tambem muito das transcripções de Busoni...»

D. Ernestina Freixo tem uma profunda admiração por José Vianna da Motta. «E' o pianista que mais impressão me tem feito. E' o primeiro; é o ideal dos pianistas.» Tem um enorme prazer em tocar as suas composições. «*A Chula do Douro*, que elle tocou n'um dos ultimos concertos que deu em Lisboa, é um verdadeiro primor. *Adeus Minha Terra* é perfeitamente um grito de alma...»

Aprecia muito o nosso Francisco de Andrade, esse celebre cantor, esse grande barytono, que no estrangeiro tantos e tantos triumphos tem alcançado e tanto tem engrandecido o nosso nome. E elles tambem, n'uma justissima admiração, offereceram a D. Ernestina Freixo os seus retratos com dedicatorias que são verdadeiras honras. Para não serem só os nacionaes, até o grande Kaschmann offereceu a sua photographia que se junta ás da distincta amadora D. Sarah da Motta Vieira Marques, Keil, Augusto Rosa, uma outra de Francisco de Andrade no *Guilherme Tell*...

D. Virginia Baptista, a intelligente pianista tão apreciada

Como estavamos falando em cantores, a conversação inclinou-se para a opera. E D. Ernestina Freixo disse-me das que gostava. «Primeiro Wagner. Sempre Wagner! Em todos os generos de musica está em primeiro logar a escola allemã. Olhe: *Os Mestres Cantores*...»

—Mas a escola franceza tambem é interessante...

«D'accordo. Aprecio bastante o *Werther* de Massenet. E' um encanto. E na escola italiana nunca me

esqueço de Verdi, que acompanhou toda a evolução da musica. Gosto tambem da *Manon*, de Puccini...»

D. Ernestina Freixo, n'uma extrema gentileza, executou a quarta mazurka de Godard e a valsa caprichosa de Vianna da Motta. E como admirasse a bella interpretação, retorquiu: «Estudo muito pouco. Quasi sempre de manhã. De mezes a mezes... Se tenho de tocar em publico prefiro estudar de noite. Não gosto das *matinées*. Dão-me uma sensação de desconforto.»

E pela rua fóra, n'um passo rapido, ia pensando em todas as interessantes impressões que tinha colhido. Misturados com o vento chegaram-me aos ouvidos sons confusos... Apressei-me e distingui os compassos d'uma horrivel valsa, tocada desalmadamente n'um reles piano. Depois de ter ouvido D. Ernestina Freixo era uma affronta! Fugi d'aquella rua, d'aquelles malditos sons que me entravam pelos ouvidos, n'uma enorme desafinação.

E na minha zanga pensei qual não seria a de Liszt, se fôsse assaltado por aquella valsa, o grande Liszt que ha tantos annos fez furor em Lisboa, esse enorme pianista que não descalçava as luvas, mas que as tirava, rasgando-as, o que provocava sérios conflictos por causa da posse d'um dos pedaços d'essas luvas preciosas...

Quando fala em D. Maria Adelaide Santos, o seu illustre professor Francisco Bahia diz sempre: «a minha discipula.» E é realmente justa a phrase e a sua preferencia por quem tanto nome lhe dá. D. Maria Adelaide Santos fez toda a sua educação musical com o sr. Francisco Bahia, esse conceituadissimo professor que no seu proficiente ensino emprega prodigiosos meios de intelligencia, de saber e de bondade.

O seu auctor favorito é Chopin; acha-o «muito inspirado.» Depois prefere Schumann, Mendelsohnn, Schubert, Liszt...

Os seus affazeres quotidianos não lhe deixam muito tempo livre. E' pois a noite destinada quasi sempre para o estudo, esse tão agradavel quão proveitoso e util trabalho.

A distinctissima concertista D. Ernestina Freixo

Foi com verdadeiro interesse que me fallou na opera cantada em portuguez. «E' uma tentativa muito louvavel. E até ha mais tempo que se devia ter realisado...» Passando para as outras operas, D. Maria Adelaide Santos admira muitissimo o *Lohengrin*, essa grandiosa obra de Wagner. «Gosto immenso da escola allemã, mas tambem muito da franceza. Se bem que sejam differentes, é claro...»

N'uma conversação animada e rapida percebi que D. Maria A. Santos tem uma grande predilecção pela litteratura. A joven, mas conceituada pianista de-

monstrou mais uma vez o seu formosissimo valor na execução primorosa da difficilima rapsodia n.º 15 de Liszt, que teve a amabilidade de tocar, bem como no *Rêve d'Amour* do mesmo auctor e a dois pianos no terceiro andamento da sonata op. 31, n.º 3, de Beethoven, com as difficeis variações arranjadas por Saint-Saëns e em que brilhou tambem a eximia pianista D. Maria do Carmo Bahia, a filha do illustre professor Francisco Bahia, que, ouvindo aquella deliciosa interpretação, viu coroado do melhor exito o resultado do seu proveitoso ensino.

D. Adelia Heintz, a tão respeitada professora do nosso Conservatorio—*(Chiché* DA PHOT. VASQUES)

Foi n'um concerto no salão do nosso Conservatorio que tive a felicidade de ouvir pela primeira vez D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso.

O seu auctor predilecto é o grande Beethoven. Depois Schumann e Chopin, estando a trabalhar, respectivamente, n'uma grande phantasia e n'uma outra em *fá*.

Nas interessantissimas e recentes *matinees* organisadas pela talentosa amadora D. Sarah da Motta Vieira Marques, *matinées* que foram um gigantesco passo no caminho glorioso da arte, a illustre pianista executou, entre calorosos applausos, composições de Couperin, Bach, Mozart, Haydn, Mendelssohn, César Franck, Schubert...

Costuma estudar quatro a cinco horas por dia. «O que não quer dizer que não tenha dias em que estude mais. Geralmente estudo até ás quatro ou cinco horas da tarde.»

Tem uma verdadeira paixão por musica. «Ysagé e Pugno são dois verdadeiros artistas. Gostei bastante de Paderewski...» E não se esquecendo dos nossos, fala em Vianna da Motta: «Recebi d'elle algumas lições, bem como do illustre professor Bahia, José Vianna da Motta é extraordinario! Quando tenho a grande felicidade de o ouvir, produz-me sempre uma nova e grande impressão.» Admira-o immenso. O seu talento, o seu caracter, a sua bondade. Aprecia muito as suas composições. «A symphonia Patria e o quarteto para cordas, são obras primas.» E referindo-se ao sr. Rey Colaço: «Devo-lhe immenso. Tem composições que são um verdadeiro encanto. Bem como as de Oscar da Silva, que é um verdadeiro artista.» D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso tem tomado parte em muitos con-

certos. «Quando vou tocar tenho sempre uma impressão nervosa. Mas entendo que se deve tocar. Do publico não tenho que dizer senão bem. Tenho recebido de toda a parte o melhor acolhimento.» Refere-se depois a Coimbra, a poetica cidade do Mondego, onde já tocou em tres concertos e onde foi recebida com os calorosos applausos de admiração da mocidade. «Conservo umas recordações que jámais esquecerei.» Egualmente o Porto já teve a ventura de escutar a distinctissima pianista. «Toquei no Orpheon. Foram duas noites memoraveis.»

E a conversa muda, abordando ora um assumpto, ora outro, e foi com grande prazer que vi a devotada admiração que D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso tem pela litteratura. Conhecendo perfeitamente as suas obras, entre outros admira Sardou, o profundo mestre de theatro; Paul Bourget, o consagrado auctor de *Un crime d'amour*, da *Duchesse bleue*, do *Deuxième Amour* e de tantas outras novellas e romances encantadores; François Copée, o fino poeta; Jules Claretie, o applaudido critico; Sully-Prou-

D. Maria Adelaide Santos, joven, mas consagrada pianista

dhomme, o delicadissimo escriptor fallecido ha pouco e que nos deixou *Le vase brise*, essas quadras finissimas, perfumadas como uma *Alfred Carrière* e leves como um Watteau...

Tornámos a falar de Schubert. E D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, com uma fidalga amabilidade, executou deliciosamente o encantador *Du bist die Ruh*, de Schubert-Liszt. e, augmentando a sua requintada gentileza, a difficil e magestosa *polonaise*, em lá maior, e a attrahente mazurka op. 36, duas primorosas composições de Chopin, que ouvi religiosamente pela execução e comprehensão que a illustre pianista lhes communicou.

«Antigamente estudava tres horas por dia. Agora estudo só duas. Das dez ao meio dia. Passando essa hora já não tenho boa disposição para tocar. A' noite toco sempre mal...»

Assim me respondeu a illustre e applaudida pianista D. Esther Campos, tão conhecida e justamente apreciada no nosso meio musical. O seu auctor predilecto é o genial Beethoven. «E' o que me está mais a caracter». Depois prefere Chopin, Schumann e Mendelssohn... «Aprecio immenso as composições de Mendelssohnn.» Dos modernos, Saint-Saens, Widor, Morzkowski...

Os seus auctores preferidos para tocar em publico são: Liszt, Chopin, Widor e Saint-Saëns.

Aprecia immensamente a musica d'*ensemble*. «E passa-me mais o nervoso. Um dos meus auctores favoritos para a musica d'*ensemble* é Sinding. Não esqueço tambem Dvorak.»

A talentosa pianista tem uma grande admiração por Wagner. «Em primeiro logar». Em seguida, nomeando differentes auctores, cita Verdi com verdadeiro enthusiasmo. «Aprecio muito o *Othelo*, o *Rigoletto*...» E refere-se a mais auctores. Massenet... «Gosto tambem da escola franceza.»

Distingue-se perfeitamente nas suas palavras o fervor que tem pela musica, por concertos, por tudo quanto se prende á divina arte. «De tudo, prefiro ouvir um bom artista.» Como se falava de artistas era um peccado imperdoavel esquecermo-nos de Vianna da Motta, esse prodigioso pianista.

D. Esther Campos aprecia-o immenso. «Ouvi-o, entre outras vezes, n'um concerto no Porto. N'uns estudos de Cho-

pin foi admiravel.» Apreciando-o como concertista não menos o aprecia como compositor. Nomeia entre outras as suas composições *Adeus Minha Terra* e a *Chula do Douro*, de que faz ouvir os primeiros compassos n'um Bechstein.

Aquiescendo amavelmente a um pedido, a tão conhecida e laureada pianista teve a amabilidade de nos deliciar com a extraordinaria execução da *Velocité*, de Mathias, execução que nos assombrou, e n'uma continua gentileza, *Airs de Ballet*, de Widor, e uma delicadissima composição de Paderewski, *Chant d'Amour*, á qual D. Esther Campos imprimiu todo o sentimento... A intelligentissima pianista está decidida, bem infelizmente, a não tocar em publico. E' uma enorme falta que se vae sentir, e todos a sentirão, os que a applaudiram em noites de inolvidavel gloria, esse publico que tanto e tanto aprecia o seu talento.

De D. Candida Cilia limito-me simplesmente a dizer que principiou a estudar musica aos sete annos, terminando o seu curso todo com distincção, os tres de rudimentos e os sete de piano, aos quatorze annos, tendo feito n'algumas epocas mais d'um exame.

Foi leccionada durante todo o seu curso pelo illustre musicographo sr. Ernesto Vieira e no aperfeiçoamento pelo eximio e grande mestre de piano José Antonio Vieira, já fallecido.

Prefere estudar de manhã, o que faz raras vezes por falta de tempo. Acha de muito proveito principiar o estudo diario por escalas ou então por *Les Exercices Journaliers*, de Czerny, op. 337.

O seu auctor predilecto é o grandioso Beethoven. Mas tem tambem uma grande admiração por Haendel, Bach, Clementi, Haydn, Mozart, Weber, Schubert, Mendelssohn, Schumann, Chopin .. E dos modernos: César Franck, Richard Strauss, Saint-Saëns, Brahms, Rubinstein, Lalo, Grieg, Sinding, Moszkowski, Tschaïkousky, Widor...

D. Candida Cilia, na sua sala de musica
(*Clichés* DE BENOLIEL)

Tem uma especial predilecção pela musica sacra, tendo se dedicado ultimamente ao orgão, esse harmonioso instrumento cujos religiosos sons tanto nos commovem...

Para as agruras da vida resta-nos ainda o balsamo da musica, a divina arte que possue em volta do seu nome a celebre phrase de Bakounine:

«Tudo será destruido menos a nova symphonia de Beethoven.»

CARLOS CILIA DE LEMOS.

EL-REI NO MAR

O embarque no Caes das Galeotas da Junqueira: 1—Sua magestade a rainha despedindo-se do sr. governador civil; 2—Suas magestades el-rei e a rainha descendo a escada do caes para se dirigirem para bordo

Desde que el-rei regressou a Lisboa da sua viagem ás provincias do norte, não deixaram de correr com certa persistencia diversos boatos sobre o estado de saude do soberano, sendo até, por vezes, taes noticias flagrantemente exageradas mesmo. A verdade é que sua magestade tem estado ligeiramente doente, nos ultimos

tempos, mas que o seu estado não offerece, comtudo, o minimo caracter de qualquer gravidade, tratando-se apenas, ao que parece, de uma natural depressão physica e moral, que depressa se modificará por certo.

A conselho dos seus medicos, comtudo, o sr. D. Manuel foi passar alguns dias no mar, a bordo do yacht *Amelia*, acompanhado por sua magestade a rainha viuva. O soberano e sua augusta mãe embarcaram, por isso, no dia 8 do corrente, no caes das Galeotas, á Junqueira, seguindo o yacht real, escoltado pela canhoneira *Sado*, em direcção a Setubal, onde fundeou.

El-rei fez em seguida uma pequena excursão pela costa, regressando a Lisboa no dia 13 e indo desembarcar egualmente no caes das Galeotas.

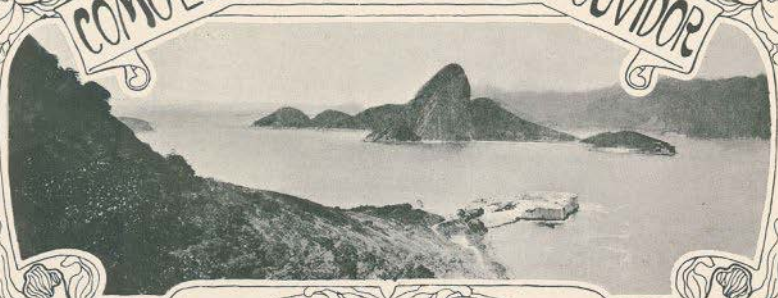
Acompanharam el-rei e a rainha n'esta excursão os respectivos dignitarios de serviço, srs. marquez do Fayal e coronel Antonio Costa, camarista e ajudante de

O regresso: 1—O escaler do «yacht» atracando á muralha da Junqueira. 2—SS. MM. el-rei e a rainha subindo as escadas da muralha. 3—O sr. governador civil e a sr.ª duqueza de Palmella cumprimentando el-rei e a rainha (*Clichés* DE BENOLIEL)

campo do sr. D. Manuel, e D. Isabel Saldanha da Gama e D. Vasco da Camara (Belmonte), dama e veador da sr.ª D. Amelia, bem como os srs. conde de Lavradio, secretario d'el-rei, e D. Thomaz de Mello Breyner, medico da real camara.

O passeio maritimo parece ter exercido effectivamente uma benefica influencia no estado do soberano, que, depois do seu regresso á capital, recomeçou as recepções semanaes habituaes do paço das Necessidades.

COMO EU ATRAVESSEI A RUA DO OUVIDOR



1—Barra do Rio de Janeiro
2—Morena

21 outubro 1908.

«Um singular capricho do Creador fez com as «montanhas da Gavea e da Tijuca um perfil de na-«riz aquilino; com o Corcovado um tronco e per-«nas; e com o Pão d'Assucar os pés d'um «corpo «humano homerico a que se chama o *Gigante que dorme*.

«Deixando a minha imaginação devanear pergunta-«va a mim proprio se não chegará um dia «em que o «Gigante se erga para cumprir uma superior missão.»

MANUEL BERNARDEZ—(Jornalista argentino)

Aviso

«Communicamos aos Ex.mos Srs. hospedes que acabamos de admittir um profissional de Barbeiro e Cabelleireiro achando-se á sua disposição e cobrando os preços communs.

CABRAL, CAMÕES & GAMA.»
(Donos do hotel em que me alojei).

A redundante imagem do *Gigante que dorme* e um dia se levantará para ir á grande missão foi a ultima leitura que a bordo fiz.

O aviso que se lhe segue, foi, já no hotel, o primeiro que soletrei em brasileiro.

O gigante que dorme, decerto por ser cedo, mal começa na madrugada tepida a sacudir e a rasgar com imperceptivel movimento o lençol de neblina d'essa noite. Mal o vi.

Na fosca atmosphera a terra fosca é.

Pardacento, sem destaque de planos, surge da agua em estagnação de lago, como um recorte de decoração theatral nas meias trevas

d'um palco, o primeiro trecho de terra brasileira onde pouso a vista.

Lento, quieto, suspendendo mesmo o arfar ha doze dias ininterrupto, este meu berço avança surrateiro, como se fôsse n'aquelle amanhecer, á surpreza da amante a quem rondou a porta toda a noite.

E tão lentamente avança que já do lado do nascente ha mutação de scena, e laivos côr de sangue cortam ao rez da agua tetas de terra que parecem boiar, e ao poente se desprendem do supposto corpo do gigante os torrões monstruosos que o compõem.

tege, abre na côr já faiscante do céu, n'um pairar solemne e socegado, as suas azas franjadas de branco.

Um barquito esguio como uma piroga cruza o paquete e passa: é um mosquito na vastidão da bahia; e duas guigas, como libelulas deslisando no espelho da agua, passeiam já o sport carioca: á pôpa d'uma d'ellas, desusadamente em pé, aguentado pelos gualdropes, o patrão marca as remadas inclinando-se d'um bloco até quasi tocar o corpo ao voga todo reclinado no esforço do remo. E a esgalgada flexibilidade d'esse

Um trecho da Avenida Central (*Cliché* DE A. MALTA)

Separa-se-lhe realmente a cabeça nas montanhas da Gavea e da Tijuca, o seguimento do Corcovado dá-lhe a anatomia do tronco aleijado, e o Pão d'Assucar avança ao mar e do mar se ergue e para elle se inclina como a ponta tosca d'um pé.

E á medida que o sol sobe e apparece, com a rapidez com que nos tropicos esse surgir se faz, tudo entra de ter relevo e côr. E do grisalho sae um verde escuro, e ha um fimbriado violeta entre os morros que se afastam; rendilham-se com espiques e pennachos de palmeiras os contornos da serra; pinturilam-se de casaesinhos brancos os sopés dos montes; e o urubú, o invulneravel urubú que um decreto pro-

timoneiro, hei de eu mais tarde approximal-a da elasticidade curiosa de movimentos, de porte originalissimo (que talvez por original e typico nos choque) do soldado brazileiro, muito moço, e com o tronco de tal fórma airoso e lançado, que a fardeta justa lhe faz godilhões de cobra em movimento e um ligeirissimo menceio de maxixe lhe torna a marcha harmoniosa e galante.

*

E já na pompa d'uma manhã azul o meu berço rasteja Santa Cruz, e fica-se por uma vez exhausto no abandono da larga bahia, entre

calmas ilhotas e calmos couraçados, os longes de Nitheroy, a phantasia turca da ilha Fiscal, e a cidade agora evidente, com os seus caes e as suas casitas entre empolas de verdura que são os seus morros pittorescos, morros que lhe darão na eternidade das coisas que se não podem desmanchar um ar de fervilhante e singela *bourgade*, entre verduras com o vigor de seculos.

*

No curto caminho para o hotel, d'onde do caes do Paço um tilbury me trouxe na maciesa das suas rodas de borracha e com um desvio no seu passeio para acompanhar um amigo a outro poiso, eu atravessei no limitado tempo de quasi dez minutos o Rio antigo da rua da Quitanda e o Rio catita da Avenida Central, o Rio dos bondinhos, que um burro, um verdadeiro burro mesquinha e pensativamente puxa entre dois magros *rails*, e o Rio dos bonds em comboio—rebocados—que a electricidade poderosamente impelle a tres e tres ou a quatro e quatro.

E não supponham que o contraste me chocou! Porque? Talvez com delicadeza e subtileza eu possa mais tarde descer ao fundo, de resto pouco fundo, do mysterio. Veremos!

*

No primeiro quarto d'ermitão, singelissimo, quasi limpo de moveis que no hotel me deram e eu acceitei—com duas camas—(por outro não haver) o que logo li foi o *aviso* que epigrapha, com a prosa do ar-

1—Costureiras cariocas
2—Vendedor de nongat japonez

gentino Bernardez, este capitulo e que com o *Gigante que dorme* constituiu uma das minhas surprezas d'esta manhã, ainda tão curta, e o começo de todas as angustias de um dia quasi por completo retalhado de surprezas qual d'ellas a mais comicamente triste...

O caso é que acceitei com jubilo os serviços annunciados no aviso do profissional que me ia barbear e cobrar os preços communs. E porque o hotel tenha duzentos e vinte quartos e em cada quarto o seu annuncio, só dispuz do barbeiro uma hora depois e hora larga por ter elle muita barba para avio.

Já a chegada do mestre foi para mim de surpreza. Entrou, como eu entrára, com a sua malinha de viagem e todo o ar de quem ia dispôr da cama que sobrava. Deixei fazer —porque a tudo me habituou o traste do *sarajevo* de bordo — e quando estou em terra estranha calculo no que para mim mais estranho é, o mais banal costume d'essa terra. E respeito o costume, rilhando todavia entre dentes e para meu conforto, quando a cousa seja difficil d'engulir, este frustre conselho: «Em Roma, o senhor fará favor de ser um bom romano!»

Não sabia, pois, se a partilha do albergue, universalmente corrente em tempos idos, era costume aqui, accrescendo que o hotel estava extraordinariamente a trasbordar. Mas descançou o homem a malinha sobre a cama livre, abriu-a, e saccou d'ella o sufficiente para eu vêr n'elle o barbeiro desejado em vez do companheiro detestado, e operou... com ligeireza, donaire e desusado silencio. Ensaboou-me, lavou-me, perfumou-me. Indaguei desprendido o custo do trabalho. Desprendido tambem informou-me do tal preço commum: *dois mil e quinhentos réis*. Sustive um enorme berro, e tirando do bolso esquerdo das calças uma mão cheia de notas deixei cair na pedra do toucador dois dos farrapos e cinco espessissimas moedas brancas.

Accentuo que foi do bolso esquerdo das calças que a maquia saiu, porque para lá propositalmente entrára, quando ao trocar libras n'um cambista, eu, n'um impeto, manifestára alto a minha repugnancia em metter na carteira os papeis negros, e um patricio meu, bom aconselhador, me preveniu, piscando-me sympathicamente o olho:

—Olhe, meu senhor, no bolso esquerdo das calças... E' onde toda a gente as bota!

O presidente da republica brazileira, dr. Affonso Penna e sua familia. N'este grupo figura o sr. Paul Doumer (*Cliché de* A. MALTA)

Acatei o costume, porque é realmente o costume que toda a gente acata. Fui romano.

O dia é rutilante. Já não são horas de almoçar no hotel. Saio. N'um restaurante como. E como frugalmente: um pedaço de peixe, uma dura costelleta de vitella, vinho verde, queijo, uma laranja, um café... e peço a conta. E ouço muito melifluamente—oh! o truculenta verificação, e pela segunda vez, do bolso esquerdo, abundantemente esportulei.

A' porta do restaurante, eu que ha treze dias não tenho da minha terra a migalha d'uma noticia, quero ler telegrammas, muitos telegrammas, chamo um *moço* de jornaes, um mulatinho alegre, descalço, agilissimo, que quasi por mim trepa.

1—O Hotel dos Estrangeiros
2—Vendedor de amendoim

adoravel sutaque—este rude preço: cinco mil réis! Estarreço. Exijo o detalhe da despeza. E ali mesmo, sobre o papel da lista (*cardapio* em brasileiro) o creado vae escrevendo: peixe 1$200; vinho 1$500; laranja 300... Tenho medo que a conta vá a mais, corto cerce a

—Qual é... freguez... qual é? Quatrocentos réis freguez...

Pago com uma rodela de quatrocentos réis precisos. Comprei só tres jor-

naes: o do *Commercio*, o do *Brazil* e o *Paiz!*

E como ámanhã seja dia de vapor e tenha para registo quatro cartas, uma brochura leve e um manuscripto, vou-me ao correio. Faço pesar, peço a franquia e ouço, que, além do cuspo com que os collo, tenho de dar para os sellos seis mil réis! Entro a rir-me, já muito frouxamente, e mais seis notas de *um mil réis* se desenrolam do novello sem fim das minhas calças. Nunca eu tive tanto a impressão da distancia que as cartas vão gualdir e do que me custaria um proprio a transportal-as!

Ao embocar na rua do Ouvidor na estreiteza antiga da rua afamadissima, lembro-me que preciso d'um chapéu, dos de palha (porque nos trambulhões de Cabo Verde se me esphacelou na mala o que trazia) para arrostar a segunda primavera com que este meu anno fica singularmente marcado. Entro n'um chapelleiro. Escolho, a medo, um dos chapeus mais simples e vejo-lhe na tira interior o preço marcadissimo em maiusculos numeros: *doze mil réis!*

Nunca suppuz que, sem plumas nem mulher, um chapeu me pudesse custar tanto!

Seccam-se-me as guellas. Desemboco na Avenida Central. Reparo outra vez que o contraste entre o velho e o novo Rio me não choca. Mas um receio me opprime, até nublar para mim a belleza do tempo: palpo no bolso esquerdo o que resta do embrulho. Entro n'uma cervejaria, peço uma cerveja; dão-me a escolher: um *chopp* claro ou um *chopp* escuro. Pois que venha o *chopp* escuro. E' um decilitro de liquido e delicioso liquido... o resto é um enganador galão de espuma. Pois que venha outro *chopp* claro, e outro golo de cerveja emborco.

Pago .. são oitocentos réis! Deixo *um mil réis* na meza... e fujo.

São duas horas da tarde...

Ha cinco horas só que estou no Rio. Corro ao hotel, indago com rigor quanto pago por dia. *Doze mil réis*. E já no quarto, comprimo como posso a minha enorme afflicção de pobre envergonhado e ponho-me a dar a roupa da viagem ao rol: 18 collarinhos—10 camisas... e acabo por anotar o pavor das minhas despezas.

Com sordidissimos cuidados, gastei, nas cinco horas citadas, a quantia brazileira que detalho:

Trem para hotel (1/2 parte)..	3$000 réis
Barbeiro	2$500 »
Almoço	5$000 »
Jornaes	400 »
Correio	6$000 »
Chapeu	12$000 »
2 cervejas	1$000 »
Pensão	12$000 »
Total.	41$900 réis

Quarenta e um mil e novecentos réis. O que dá reduzido ao terço e em réis do reino verdadeiros: treze mil novecentos e sessenta e cinco réis. Ou seja, para um estatistico velhaco, que não ligue importancia de maior á compra d'um chapeu de

Operarios da Imprensa Nacional

cinco em cinco horas: dois mil setecentos e noventa réis por hora... o que é, como todos sabem, o rendimento, nos annos de bom petroleo, do dispeptico Rockefeller!...

De novo levo á rua a entontecel-a, a minha afflicção, e ao sahir da porta, n'um logar de fructa, leio com reverencia, como se lêsse um psalmo impressionante: *Pêras bôas: 1 duzia— 5$000 réis. Uvas: 1 kilo—3$000 réis...*

*

Uma creatura passa n'uma nuvem inebriante de sandalo. Veste de branco. Na cabecita, no negro brilhante do cabello, um pente louro e um laço azul. A mão pequena, o

Turco, vendedor de phosphoros

antebraço nú muito roliço, o pé de exaggerada curva, justo a sahir da saia curta e justa; emerge-lhe o busto da cintura como do estrangulamento d'um balaustre invertido, e a curva do pescoço na renda da *blouse* deixa vêr por entre os recortes do bordado — e nunca eu vi mais linda côr de forro valorisar rendas — uma pelle mate, morena. E toda essa côr morena e mate se lhe dilue na face altiva, talvez dengosa, talvez zangada, e faz fundo a dois olhos rasgados em amendoa e entalando no esmalte azulado da esclorotica o brilho de hulha das pupillas... pupillas facetadas, onde doçuras se reflectem e tantos temporaes se amontôam...

Um atrevido affronta-lhe o passo de zagalla:

—Vem cá, mulata...

E diz muito ao de leve... «*mulatjos*»...

E por entre a fiada muito egual d'uns alvissimos dentes, um negro que passa chasqueia:

—Eh! seu moço... não faça sáfádeses! Qui está você p'r'ahi á *coôsa*?...

Apalpo, na mesma eterna obsessão, o bolso esquerdo das calças.

Está vazio.

*

Quem, pois, á conquista do Brasil vier, n'esse sonho dourado portuguez, que faz d'um labroste transmontano um egual do aventureiro lisboeta e a ambos sagra Cabraes descobridores quando aportam á plethora d'este venturossimo torrão, tem que trazer para o primeiro trafico ou muito singelamente um par de sóccos velhos ou uma cornucopia razoavel de libras. Succedendo que mais probabilidades tem de ser Pedro Alvares o homem dos tamancos do que o janota do corno da abundancia!

Mas para qualquer dos dois, porque emigrados são (e do exilio só conhece as fezes amarissimas quem a elle por má estrella se arrojou), o inicio será sempre perturbador e humilhante.

E como no rustico a escassez d'educação não lhe deixou formar essa imbecil sensibilidade moral, que puxa lagrimas e aperta a gorja quando os pruridos do valor proprio são tosados ou enxovalhados e a frugalidade seja n'elle e de nascença um

1 e 2—Typos cariocas

habito, é claro que melhor treinado está para *gallego* como aqui se chama ao portuguez que *cava*. Cavar é em giria brazileira *trabalhar*. Quando finca pé em terra firme, esse rude só traz dois braços para labutar e um fundo escasso de safadissimo nickel portuguez... Mas se um pouco de argucia lhe fermenta no cerebro, aqui o terreno é fertil para argucias quando sejam corajosas e tenazes e então vence.

De couro impermeavel ao que de perturbante tem a vida, o labrego dos sóccos, que já nasceu sem intestino para grandes vitualhas, come por um ceitil, e dia a dia, mez a mez, anno a anno vae amealhando como uma formiga e com a mesma insciencia da formiga, que nunca vê o pé humano que tantos cataclysmos faz em formigueiros. Em tal cegueira está o seu valor! Não tem (o feliz!) a noção do tempo... annos e annosna faina duríssima. E a noção do coração... essa começou a bolsal-a a bordo na prensa porca da sua conducção de escravo, e foi-se-lhe de todo quando o primeiro terror da fome lhe fez esquecer a ultima trova de amor

da sua derradeira romaria.

*

Pelo que respeita ao Pedr'Alvares Cabral de chapéu duro (o *côco* é no Rio o fructo do coqueiro) senão chega a esta terra como uma letra de commercio com endosso e aval, estaes a vêl-o tão inutil ou ainda mais vadio do que na patria, assim que tomar um banho quente, comprar quatro jornaes, almoçar, fôr ao correio, beber duas cervejas...

Quando a primeira mulata sobre elle faiscar o clarão dos seus olhos em amendoa já o corno da algibeira esquerda está no forro.

Rio de Janeiro.

ARNALDO FONSECA.

3—O monumento a Pedro Alvares Cabral por Rodolpho Bernadelli (*Clichés* DE ARNALDO FONSECA)

O QUE RESTA DE MESSINA

O edificio onde estavam estabelecidos, em Messina, os consulados do Chili e do Mexico, e que, como se vê, apesar de não ter sido dos mais experimentados, supportou terrivelmente as consequencias do terramoto

As ruinas da Prefeitura de Messina. Esta photographia é das que melhor dá uma idéa dos espantosos destroços causados pela catastrophe, e que transformaram a cidade inteira n'um montão de ruinas

O Corso Garibaldi, onde estava situada a Prefeitura de Messina, mostrando um dos mais expressivos espectaculos dos destroços causados pelo terramoto

A catastrophe de Messina determinou naturalmente o exodo dos seus habitantes inteiramente apavorados pelos horrores a que assistiram. A nossa photographia representa alguns episodios d'essa emigração forçada

[Cliché de M. BRANGER]

Modas

1—Tailleur serge beige revers ottoman même teinte
2—En mélusine vert brodé même ton
[MODES NEV]

A Illustração Portugueza *offerece hoje ás suas leitoras os ultimos modelos da moda parisiense, na segurança de que ellas os acolherão com o maior agrado, pelo interesse que essas tão discutidas frivolidades despertam sempre ás senhoras... e mesmo aos homens, escusado é negal-o.*

Esses modelos constituem, como se vê, esse grupo de toilettes muito elegantes que, sem se desviarem do typo ultimamente consagrado pela moda, são bas-

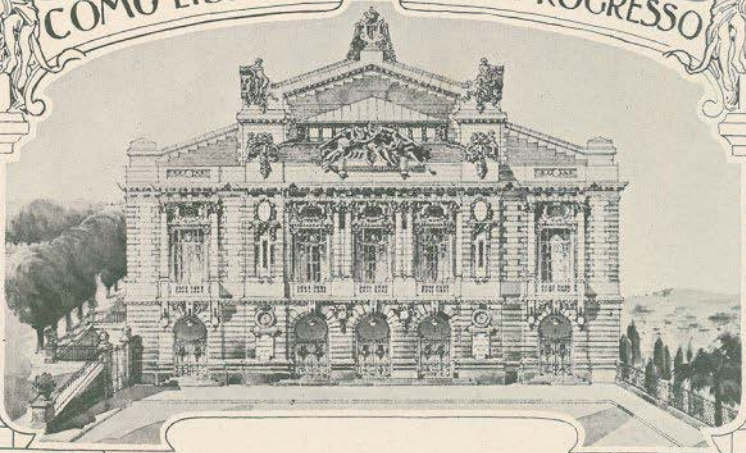
1 — Dessous drap'é or avec voile... bleu nuit dessus. Grands manches dentelle or
[MODES RODRIGUES]
2 — Robe en liberty corail drapée avec empirecement Irlande et argent
[MODES NEV]

tante graciosas e revelam um inquestionavel bom gosto e um admiravel cuidado de execução. Seria uma injustiça flagrante contestal-o.

UM THEATRO QUE ABATE

O theatro Moderno, em construcção na Avenida D. Amelia, cujas paredes se desmoronaram em parte na noite do dia 13 do corrente. A nossa photographia foi tirada na manhã seguinte á da catastrophe e mostra o estado do edificio do lado que abateu—(*Chiché* DE BENOLIEL)

COMO·LISBOA·RESISTE·AO·PROGRESSO



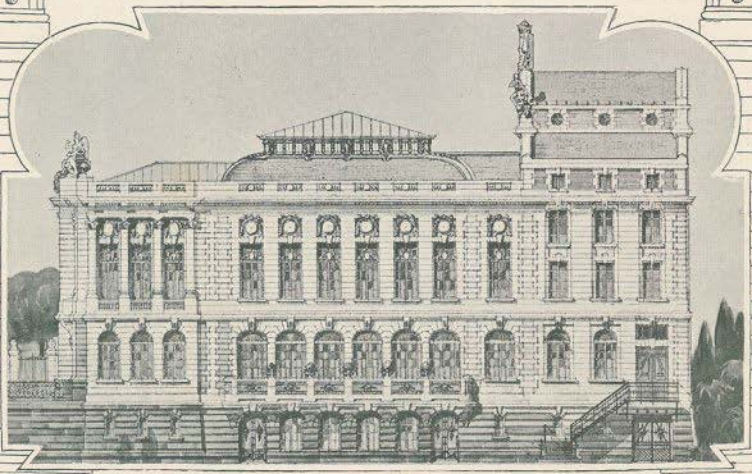
Não ha seguramente outro povo que reaja com mais tenacidade contra a infiltração das idéas modernas, que se opponha de um modo mais deliberado contra a realisação de qualquer progresso intelligente, e que mostre de maneira tão ostensiva a sua reluctancia em acceitar os melhoramentos e confortos que a civilisação por toda a parte introduz.

Esta doença, que tem já o seu nome proprio, manifesta-se mais accentuadamente na má vontade systematica com que é acolhida qualquer iniciativa tendente ao embellezamento da capital, visando a outorgar-lhe um ar de cidade moderna, a dotal-a com as commodidades e diversões que gosam de ha muito as populações de todas as grandes cida-

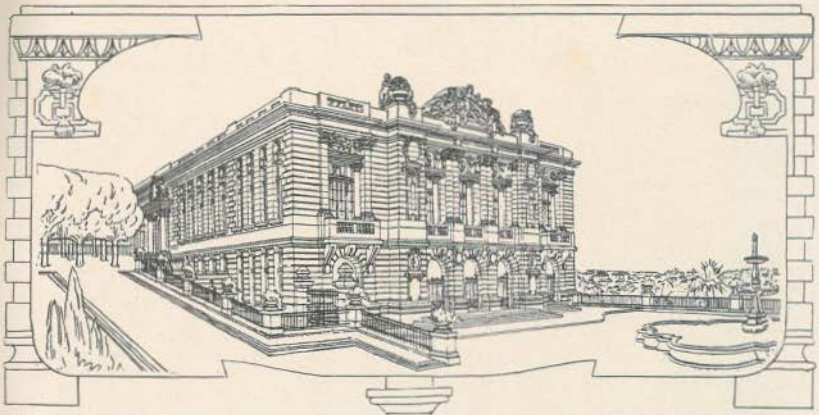
1—Fachada principal do palacio projectado em S. Pedro d'Alcantara
2—O extremo norte da Alameda de S. Pedro d'Alcantara, vendo-se ao fundo marcado com o signal ◇ o sitio para a projectada construcção

des estrangeiras, e que servem, além d'isso, para attrahir os forasteiros.

Seria um nunca acabar se pretendessemos enumerar todas as tentativas d'este genero que teem sido prejudicadas pelo inveterado ás innovações que caracterisa o tardigrado lisboeta Como exemplo sufficientemente suggestivo, bastará, porém, citar o que está agora mesmo acontecendo com o palacio de festas e exposições de S. Pedro d'Alcantara, cujo projecto elegante e sumptuoso, devido ao distincto architecto francez M. Maurice Le Curieux, apresentamos hoje aos



1—Um aspecto do jardim de S. Pedro d'Alcantara; 2—A fachada do palacio projectado que deita sobre a Avenida da Liberdade



nossos leitores. Nada mais curioso, na realidade.

A camara municipal, com approvação da respectiva estação tutelar do ministerio do reino, concedeu licença para serem construidos na alameda e no jardim inferior de S. Pedro d'Alcantara varios kiosques e pavilhões para divertimentos publicos. Ninguem protestou e tudo correria excellentemente, como no melhor dos mundos possiveis, se os concessionarios não se tivessem lembrado de requerer uma modificação no contracto primitivo, consistindo em substituir os barracões e kiosques classicos, que o alfacinha tão encarniçadamente estima, por um grandioso palacio em estylo Luiz XVI, destinado a theatro, grande restaurante *belvedere* sobre o panorama da cidade, salas de bailes e festas, galerias para exposições, salões para leitura e conferencias, etc., por uma coisa, emfim, bonita, rica, adequada á categoria da cidade. Ahi foi Troya! Os que não se importavam com uma feira de Alcantara protestaram logo obstinadamente contra o palacio, allegando todas as razões caprichosas e infundadas que lhes aprouve, difficultando assim a idéa.

1—A frente e o lado do palacio projectado que deita sobre a rampa que desce da rua de D. Pedro V
2—O lago e uma das entradas da Alameda de S. Pedro de Alcantara
(Clichés DE BENOLIEL)

A SEDUCÇÃO DE LISBOA

—Então meu caro, que tal Lisboa?

Era no dia seguinte ao da minha chegada. Disse com desprendimento:

—Não ha duvida, interessante. Parto ámanhã para Paris.

E o interlocutor amigo ficou pasmado quando, quasi um mez depois, encontrando um homem de Lisboa, que era eu, esse homem com delicia murmurou: Já nem sei, filho, se vou a Paris...

Esse homem era outro e era eu. E' que não se tem nunca de uma cidade a impressão definitiva. As cidades são como as mulheres. Ou teem muitas almas, almas que variam e se contradizem, segundo os psychologos affirmam, ou não teem alma de especie alguma de accordo com o que disse um sabio.

De qualquer fórma, assim como muito difficil é ter a definitiva ideia do *Ser*, em que resumimos a aspiração da vida, assim, á primeira vista, não se poderá nunca dar sem engano consciente uma opinião sobre qualquer cidade senão depois de bem ouvil-a, bem olhal-a e bem sentil-a.

Ha, de resto, cidades a que se collam certos adjectivos para descançar a classificação do touriste: Porto a invicta, Paris a divina, Roma a silenciosa, Constantinopla a ardente. Será assim? E se assim fôr, temos mesmo a sensação do Porto, dizendo-a apenas invicta? Não. O facto é que cada cidade tem uma qualidade predominante, mas para cada viajante tem um aspecto, porque esse agglomerado de casas e de palacios vive, pensa, tem um cerebro e um coração, soffre de molestias moraes ou mentaes ou physicas, e quando parece ter opiniões varias apresenta o seu temperamento, e é bem um organismo até mesmo na maneira de gostar ou não

gostar das pessoas que d'ellas se approximam. N'isso, então, a sensibilidade nervosa das cidades é integralmente feminina. Nós podemos enganar um homem mostrando-lhe amizade. E' impossivel enganar de amor uma mulher. Assim as cidades, e com as cidades eu bem lhes tenho sentido a alma, porque ellas repugnam-me ou conquistam-me com a seducção das mulheres.

Com Lisboa, por exemplo, eu vinha um pouco despreoccupado. Dois bellos jantares, uma volta pela avenida, e em seguida *sud-express* a caminho da Méca de todas as phantasias e de todas as vesanias: Paris, a divina! E quando o creado de bordo, um italiano que só fallava inglez e vivera até aos quarenta annos no Cairo, foi a acordar-me para dizer com o velhissimo enthusiasmo de cartaz:

—Lisboa, meu senhor.

Fiz uma cara enjoada e indaguei cheio de fadiga:

—Já?

Já? Subi ao tombadilho, preguiçosamente. A manhã nascia no ceu d'um suavissimo azul, e Lisboa, á beira do Tejo, bocejava entre nevoas tenues. Que rio era aquelle? O Tejo. E aquella torre? Belem. E mais adiante? Os meus olhos procuravam, como se já tivessem visto, seculos antes. Era a paizagem com a valorisação historica, a historia inicial da minha patria. A recordação de quanto d'alli partira para alargar o mundo fazia o rio mais largo e fundamente bello. So-

Paulo Barreto (*João do Rio*) o brilhante escriptor brazileiro, que ultimamente esteve em Lisboa, e por essa occasião escreveu directamente para a *Illustração Portugueza* o artigo que hoje publicamos

suavemente olhava-me, que francamente me pareceu ouvir Lisboa a dizer: «*Ora venha de lá esse abraço?* Como vae V,..? Homem, custou...»

Familiaridade e encanto para dois dias! pensava, e o meu coração ia dizendo que a saudade de uma grande cidade a qual amo d'amor se attenuava na semelhança d'essa irmã mais velha, sem tanta luz electrica e tantas avenidas, mas a mostrar em cada canto o seu valor secular. E havia ruas de Lisboa que eram como gestos identicos do Rio e havia momentos d'alma, nas praças e nas avenidas exactamente eguaes, e os transeuntes. Ora, não ha transeunte que eu não conheça, são todos meus intimos desconhecidos desde o segundo dia!—pareciam dizer-me: «E' evidente que você gosta d'isso, é evidente que você sente isso. «Você é *tal qual nosso*.»

Adiei a viagem por dois dias apenas, e resolvi observar. Observar é o verbo mais feroz da vida actual, porque para observar é preciso alguem e esse alguem de posse do verbo observar tem todos os direitos possiveis, inclusivé o de mentir com desassombro. Eu resolvi observar, fiz-me o ser excepcional que abunda no universo, fiz-me o observador, e já (sem querer) familiar, observei:

—Não ha duvida, cidade muito interessante. Mas que extravagancia essa da leitura dos artigos de fundo? Toda a gente lê artigos de fundo. Encontrei ás tres da manhã cavalheiros graves lendo artigos de fundo! E as sobrecasacas? e os chapéus altos? Desde as 9 da manhã passam procissões de cavalheiros de sobrecasaca e cartola. Que cidade funebre! Que aborrecida solemnidade! E estava radiante com a observação.

Mas Lisboa sorria. Oh! essa cidade sorri no ceu, nas ruas, no barulho das praças, em tudo, e n'esse sorriso assegurava:

—Alegria a nossa. Ha dentro d'ella o sol. Vem d'ahi ao Loreto vêr as alfacinhas. São todas da côr da neve ou da côr da lua, e frageis e gracis e

lemnes alexandrinos epicos, que muito anno havia dormiam sob o pó d'arroz do meu snobismo, abriam no meu labio o seu clarão heroico, e eu não tive outra expressão, não resisti, gritei apenas:—Caramba! Lisboa!—Estava commovido.

Mas ia ficar dois dias apenas, dois jantares, e depois *sud-express*, caminho da Méca de todos os prazeres: Paris, a divina! E ao saltar da lancha no caes da Alfandega, havia tanta gente a sorrir com ares de camarada e em cada face um par d'olhos estellares tão

Panorama da cidade de Lisboa abrangendo toda a parte baixa da capital, desde o largo de Camões até ao da Sé. Vêem-se ao ge, e na extrema direita o as

de tal fórma delicadas que talvez te dê, toleirão! a vontade de collecionar saxes do tempo de Luiz XVI, para por engano guardar algumas.

Anda pelas ruas depois. Já encontraste uma cara que não tivesse dois olhos bonitos, dois olhos molhados de extase, molhados de amor, gratos á vida? Não! Artistas e esthetas graves já disseram que o homem de Portugal é o mais bello do mundo. E as mulheres, rapaz, quando não lembram Dante Gabriel Rossetti, lembram divinamente as figuras dos pintores do Renascimento. Tudo aqui é vida, é ardentia, é paixão. E a paixão sae de dia, é a alegria—alegria nas egrejas, alegria na Boa-Hora, alegria nos regimentos, alegria nos garotos. Que horas tens? Duas da manhã.

Estamos como ás tres da tarde. Mas aquelle grupo de garotos, ali no canto do Arco da rua Augusta, que faz? Soluça, chora, morre? Não! Ensaia o fado n'uma guitarra tosca, e como só os garotos de Lisboa sabem rir, os garotos, mixto de innocencias, de diabolismo, elfos das grandes arterias, n'esse capitoso ambiente que o ceu coroa como um colossal tufo de hortencias azues. A minha philosophia está no fado. Fui eu quem disse: esta vida são dois dias. Fui eu quem assegurou:

Não ha luar como o de Janeiro
Nem amor como o primeiro.

Para por causa das duvidas, fazer rival do de Janeiro o d'Agosto, e andar a vêr sem descançar se realmente o primeiro é o melhor amor... Não te vás! E se duvidares de mim, pela tagarellice, pela gaiatice, pela despreoccupação perpetua que me faz, miseravel ou rica, n'uma ceia de carapaus, ou n'uma ceia com champagne, rir da mesma maneira, vae ali aos Jeronymos e vê n'um tumulo só Vasco da Gama e Luiz de Camões, sente que quem guarda a suprema energia e a arte suprema não esquece o seu passado e é sempre a força latente e o temperamento receptivo capaz de comprehender, louvar e criar a divina belleza.

E de repente eu vi que estava havia quinze dias nos braços da seductora e que até á porta do Suisso ou na Havaneza, ao sahir de S. Carlos ou ao entrar no D. Amelia, discutia gravemente os artigos de fundo e sabia de côr todas as complicações rotativas dos partidos politicos! Adeus Paris, Meca das delicias terrestres! Febrilmente fiz as malas e abalei como quem foge para a victoriosa Porto. Se não era possivel deixar logo o amado, pelo menos de Lisboa eu

fundo as principaes eminencias d'essa parte da cidade, taes como o Campo de Sant'Anna, Monte, Graça e o Castello de S. Jorcensor do largo da Bibliotheca

fugia, e depois, um pouco encorado, tomaria o comboio na Pampilhosa, emfim caminho de Paris... Mas cinco dias depois voltei, cinco dias depois saltei no Rocio como se volta ao seio amado, cinco dias depois vim de novo afundar...

por essa immensa e alacre sensualidade toda do ceu e da terra fecunda, que prende em pleno inverno, no esqueleto das arvores, como as folhas sonoras e as flôres cantantes das olaias, os bandos dos pardaes, o chilreio perpetuo dos passaros de

Que poderoso toxico de peccado tem Lisboa! Que filtro estranho nos ministra essa creatura deliciosa, que bem se comprehende ter sido inventada pela subtil odyssea para perder todas as troyas moraes e o conceito do proprio Paris? Para o brazileiro, esta cidade que o indigena classifica mal, é a Seducção, é a Seducção por mil nadas vagos e indefiniveis, é a seducção pelo carinho dos homens, pela graça suave das mulheres, pelos aspectos multiplos que lembram aspectos nossos, pela Tradição, pelo sorriso grave do passado,

A fachada da estação central dos caminhos de ferro, no largo de Camões, e uma parte da Avenida Palace

(*Clichés* DE CAMACHO, CARDOSO & CORREIA E DE BENOLIEL)

Lisboa, essa plumosa estroinice do ar, essa garotice do espaço, benção da natureza sobre Lisboa, Princeza do Tejo e da Seducção côr de oiro e côr d'azul.

E por isso, ha um mez, ó cariocas, Paris, a Mêca das vesanias, de certo não espera o *sud-express* em que eu vou; por isso, suavemente demóro no tepido inverno da cidade Titania; por isso cada dia cada vez mais eu sinto para sempre n'alma a perturbadora delicia de sentir Lisboa...

Em Lisboa, Janeiro 1909.

JOÃO DO RIO.